

Nativos da Nova Terra: O indígena do sertão parahybano no contexto colonial

Eraldo Eronides Maciel

Ac. UEPB

José Emerson Tavares de Macêdo

Ac. UEPB

Flávio Carreiro de Santana (Orientador)

MSc. UEPB/UVA

Resumo: Este artigo tem como objetivo situar o indígena paraibano no contexto colonial, para isso foi utilizado de uma pesquisa bibliográfica, incorporando idéias de autores como Maximiano L. Machado, Celso Mariz, Caio Prado Jr., entre outros. O indígena paraibano se insere em um contexto geral que envolve quase todo o Brasil colônia; naquele momento os nativos da terra “recém descoberta” eram vistos como inferiores e desqualificados. Desse modo foram explorados e escravizados pelos europeus que sentiam-se no direito de exercer tais práticas, o índio era visto como o “outro”, um ser desacreditado. Para os europeus os nativos constituíam ainda um empecilho no povoamento do interior, no caso da província da Parahyba, a um confronto entre colonizadores e indígenas, resultando em um verdadeiro massacre da população autóctone paraibana.

Palavras-chave: Índio, Novas terras, Período Colonial

INTRODUÇÃO

O processo de colonização e exploração indígena tem raízes imensamente profundas que chegam a partir do século XIV com o renascimento comercial e urbano na Europa. A expansão comercial europeia e o intenso crescimento das cidades e da população estimularam a busca de novos produtos capazes de incrementar a crescente atividade comercial, assim como a procura de novas áreas a serem incorporadas ao raio de ação dos comerciantes europeus.

Nesse momento vemos a via marítima assumir uma grande importância com relação ao comércio; as rotas comerciais europeias que antes eram predominantemente terrestres, começam a dar lugar a embarcações e viagens marítimas, que são impulsionadas pelo grande desenvolvimento científico do século XV. Dessa maneira, com as navegações compondo um instrumento favorável ao comércio, observamos o descobrimento de inúmeras colônias; principalmente por parte de países como: Portugal, Espanha e Inglaterra, sendo assim este primeiro o que mais nos interessa aqui.

Logo que as terras brasileiras foram descobertas por parte de Portugal começam-se imediatamente no clima tropical e nos seus inúmeros recursos naturais.

“A diversidade de condições naturais, em comparação com a Europa, que acabamos de ver, como empecilho ao povoamento, se revelaria por outro lado um forte estímulo. É que tais condições proporcionaram aos países da Europa ou possibilidades de obtenção de gêneros que lá fazem falta. E gêneros de particular atrativo”. (JUNIOR, 1994, p.28)

A exploração das novas terras teve, pelo menos num primeiro momento, uma ocupação predominantemente litorânea, já que além do excelente clima as terras do litoral eram extremamente

férteis e dispunham das condições ideias para a produção de alguns gêneros agrícolas apreciados pelos europeus.

No litoral, assim como no interior permitiam-se ainda a extração do pau-brasil (madeira rara) e extremamente valiosa no comércio, nesse ponto da exploração é que se torna evidente os abusos sobre a população autóctone brasileira, muitos são capturados e escravizados, enquanto outros trabalham em troca de objetos simples, pequenos utensílios que nem de longe compensariam o esforço, embora isso seja algo que venha sendo discutido e debatido ultimamente no meio acadêmico, alguns historiadores e cientistas sociais dizem que estes objetos não eram conhecidos dos indígenas e que eles trariam maiores informações para cultura nativa, de uma maneira simples, eles dizem que os objetos trariam um maior conhecimento para aqueles povos, sendo assim, estes trabalhavam em troca de conhecimento, enriquecimento e adaptando sua cultura, uma vez que não conheciam tais materiais.

UM RETRATO DA COLÔNIA: GRUPOS INDÍGINAS – EXPLORAÇÃO E ESCRAVIDÃO

Quando os europeus chegaram à nova terra, a qual eles batizaram como “Ilha de Vera Cruz”, encontraram inúmeros nativos os quais chamaram erroneamente de índios – segundo Ronaldo Vainfas, derivava do equívoco de Colombo que ao “descobrir a América” julgava ter encontrado os índios, assim como no passado, hoje não se sabe ao certo as cifras das populações que habitavam o território naquela época, fala-se em 1 milhão de indígenas, embora tenha-se estudiosos que afirmam que a população chegava a 6,8 milhões na Amazônia, Brasil central e costa nordeste.

Com relação à origem desses povos, que habitavam a América, antes desconhecida pelos habitantes do velho mundo, geram-se inúmeras polêmicas, havendo quem os visse como descendentes das tribos perdidas de Israel até os que duvidavam que fossem humanos, hoje sabemos que os habitantes daquelas terras, que viriam a ser o Brasil, vieram da Ásia entre 14 e 12 mil anos atrás, sendo corrente a hipótese de uma travessia terrestre via Estreito de Bering, isso durante a última glaciação quando a passagem entre os dois continentes se solidificou; outras teorias também são levadas em conta, como por exemplo, a que aposta em uma travessia marítima, bem como as que apostam nas duas formas, tanto marítima quanto terrestre.

Para os europeus, houve de imediato a necessidade de identificar aqueles povos, seja para catequizá-los, combater-os ou até mesmo aliar-se a eles, assim seguiram as classificações, embora estas tenham sido bem equivocadas. A nomeação que mais progrediu foi a que diferencia os tupis dos tapuias, respectivamente, foram agrupados os povos que tinham uma semelhança lingüística e possuíam costumes bem parecidos; e as que não falavam uma linguagem semelhante a estes.

Entretanto, novas formas de classificação surgiram no próprio período colonial e os nativos foram identificados como pertencentes a múltiplas costas, sendo assim, aqueles que falavam uma língua semelhante foram nomeados com diferentes grafias: tupinambás, tupiniquins, tabajaras, potiguaras, caetés, tamoios, etc. No outro grupo (os tapuias) foram identificados como: aymorés, goitacazes, guaianás, kariris, tarairiús, etc.

Apesar dessa melhor especificação dos grupos indígenas por parte dos portugueses, os equívocos ainda persistiram, equívocos que a História, a Etnologia e a Antropologia tentam corrigir atualmente. A ocupação destes grupos nativos eram bem distintas, os tupi se encontravam espalhados por toda costa, desde o litoral de Santa Catarina até o Ceará, havendo indícios de sua presença no médio Amazonas, inúmeros grupos e aldeias também se espalhavam pelos entraves da “nova terra”.

Os tapuias estavam mais dispersos pelo interior e da mesma forma que os outros nativos se espalhavam em inúmeros grupos e aldeias diferentes, tanto na localidade quanto nas características culturais. São diversas as formas de relacionamento entre os europeus e os que aqui habitavam, observamos claramente casas de aliança, assim como de exploração, escravidão e confrontos que levaram baixas de ambos os lados envolvidos, lembrando que essas relações atingiram não só os portugueses, mas todos aqueles que exploram as novas terras, como foi o caso da Holanda, França e Espanha, embora o contrato com os Portugueses tenha sido maior.

Quando do advento da exploração, Portugal não possuía boa qualidade de trabalhadores braçais, isto é, não dispunha de trabalhadores brancos suficientes para explorar o novo território, além do mais, os poucos que haviam não se aventurar em um mundo até então desconhecido. Segundo Prado (1994, p.30)

“Nas colônias tropicais, inclusive o Brasil, não se chegou nem a ensaiar o trabalhador branco. Isto porque nem na Espanha nem em Portugal, a quem pertencia a maioria delas, havia como na Inglaterra, braços disponíveis e dispostos a emigrar a qualquer preço. Em Portugal, a população era tão insuficiente que a maior parte de seu território se achava ainda, em meados do século XVI, inculto e abandonado; faltavam braços por toda parte, ...”

Assim não restam outra saída se não a exploração indígena. Os portugueses utilizavam-se de nativos principalmente para o corte e transporte do pau-brasil, em troca lhes davam objetos simples como espelhos, canetas, facões, foices, entre outras objetos que aos poucos se incorporam a cultura nativa.

“Em troca de cortar e carregar as toras de madeira tintorial que tanto interessavam aos portugueses e franceses, os nativos recebiam não apenas quinquilharias, miçangas coloridas e espelhos, mas instrumentos de ferro, a exemplo de machados, espadas, facões e até armas de

fogo.[...] Os nativos ficariam cada vez mais dependentes desse artefatos, sobretudo os de guerra. Mas conservaram no geral sua identidade, tradições e costumes.”

Logo, quase que concomitante com essa exploração do trabalho indígena, veio a sua escravidão. Os portugueses diziam que os índios eram pagãos, e por assim ser, eram inferiores e deviam ser escravizados para pagarem por seus pecados. Nesse âmbito da escravidão torna-se indispensável que falemos das Bandeiras, estas eram expedições ao interior para capturar os índios, além do mais buscavam recursos minerais como ouro, diamante, etc. Essas bandeiras são extremamente importantes para entendermos a distribuição populacional da época colonial, elas representam além de tudo, as primeiras ações que resultariam em um futuro do povoamento do interior.

Entretanto houveram alguns nativos que resistiram a colonização e exploração portuguesa, entretanto em choque com esses inúmeras vezes, provocando embates memoráveis com baixas de ambos os lados, tornando ainda mais complicado a ocupação portuguesa. Foram diversos os grupos indígenas que resistiram a colonização os aymores, que habitavam o território do atual Rio de Janeiro fará um deles e nesse contexto ainda podemos citar os tupiniquins, que segundo registros devoraram até o donatário da capitania da Bahia, o senhor Francisco Pereira Continho; resistiram ainda os Carijós os Caetés e os Kariris e Tarairiu no interior da Paraíba. Outras nações indígenas optariam por se aliarem aos inimigos dos portugueses, como os Tamoios, no Rio de Janeiro, que foram fortes aliados aos franceses nas guerras dos anos 1550-1560 e também os potiguares, que resistiram com os mesmos franceses durante algum tempo na Paraíba e Rio Grande do Norte.

Enfim, o encontro entre os colonizadores e os nativos que aqui existiam, tomara, rumos diferentes conforme o lugar, a época, e o grupo com que se estabelecia o contato, mas uma coisa é certa neste círculo histórico, as populações nativas foram, por assim dizer, alvos de uma atividade predatória e preconceituosa por parte dos colonizadores, o que se faz sentir na quantidade de povos indígenas que temos hoje em nosso território, estes correspondem, aproximadamente, a menos de 1% do que se tinha na época do “descobrimento”.

INDIGENAS NA PARAHYBA

O território que corresponde ao atual estado da Paraíba era habitado pelos mais diversos índios, aqui habitavam tupis e também os tapuias que disseminavam pelo território, havendo relatos de que na época do contato com os europeus existiam cerca de 50 mil nativos dispersos pelo litoral e interior. A nomenclatura e a localização desses indígenas ainda gera muita polêmica já que não

temos dados extremamente corretos, além do mais, haviam tribos nômades o que acaba dificultando mas ainda essa localização. A classificação mais aceita se dispões no quadro visto abaixo:

1. TRIBOS TUPIS – Localizavam-se no litoral, até no máximo vinte léguas para o interior.

SUBDIVISÕES DAS TRIBOS TUPIS

A) TABAJARAS – Oriundos do rio São Francisco, localizavam-se a sul do rio Paraíba
 A) POTIGUARAS – Habitavam o norte da Paraíba.

PRINCIPAIS ALDEIAS

- Urutagui (Alhandra)
- Jacoca e Monte-Mor (Mamanguape)
- Acejutibirá (Baía da Traição)
- Piragibe (João Pessoa)
- Tibiri (Santa Rita)
- Pindaúna (Gramame)

Quadro 1 – Principais aldeias tupis na Paraíba e suas respectivas localizações na época do contato.

Os quadros 2 e 3 mostram as aldeias e as respectivas localizações daqueles grupos que habitavam os sertões da Paraíba, ou seja todo o seu interior.

2. TRIBOS CARIRIS – Localizavam-se principalmente no interior, espalhadas por quase todo o território do que hoje corresponde à Paraíba e raramente desciam ao litoral.

PRINCIPAIS ALDEIAS:

- Chocós e Paratiós (Monteiro e Texeira)
- Carnaiós (Cabaceiras e Boqueirão)
- Bodopitás ou Fagundes (Fagundes e proximidades de Campina Grande)
- Bultrins (Cariris de Pilar, Alagoa Grande e região de Esperança)
- Icós (rio do peixe, Sousa e Conceição)
- Coremas (região do rio Piancó)

Quadro 2 – Principais aldeias Cariris na Paraíba e suas respectivas localizações na época do contato.

3. TRIBOS TARARIÚS: Localizavam-se também no interior, em áreas do Sertão, Seridó, Curimataú, parte da região denominada de Cariris Velhos e em áreas fronteiriças como o Rio Grande do Norte e com o Ceará.

PRINCIPAIS ALDEIAS:

- Ariús (rio Piranha, Sabugy e Seridó)
- Janduis (Seridó, rios Piranhas e Sabugy)
- Pegas (rio Piranhas, Pombal, Catolé do Rocha)
- Panatis (Pombal e partes dos rios Piranhas e Pinharas)
- Sucurus (Bananeiras, Cuité, rios Curimataú e Trairi, depois foram deslocados para as regiões de Monteiro e Serra Branca)
- Paiacús (fronteira do Ceará e Rio Grande do Norte)
- Canindés (região do Curimataú e fronteira do Rio Grande do Norte e Ceará)

- Jenipapos (fronteiras do Rio Grande do Norte e Ceará)
- Vidais (fronteiras do Rio Grande do Norte e Ceará)

Quadro 3 – Principais aldeias Tarairiús e suas respectivas localizações na época do contato

Os indígenas paraibanos muitas vezes estiveram aliados aos europeus, os casos mais conhecidas são os dos franceses e potiguares, assim como de tabajaras e portugueses; com essas relações de alianças se deram confrontos que são marcas na história da Paraíba. Os portugueses utilizaram-se da força indígena para combater a pirataria francesa, entretanto do lado oposto, os franceses utilizaram-se dos indígenas para resistir as investidas portuguesas, desse jeito as tribos, outrora aliados, acabavam se chocando, o que levou a morte de inúmeros índios paraibanos.

Um episódio que envolveu essa relação dos europeus com os nativos e que acarretaria inúmeras consequências para os indígenas foi a “tragédia de tracunhaém”, na oportunidade Diogo Dias – que era um abastado agricultor obteve de D. Jeronymo de Albuquerque Sousa, dez mil braços de terra por sesmaria e resolveu passar-se para ali com o intuito de levantar engenhos e fabricar açúcar, algum tempo depois, Diogo Dias tinha conquistado certa estabilidade o que desperta medo nos franceses, estes temiam que o seu sucesso atraísse outros portugueses o para o interior, prejudicando a exploração do pau-brasil, sendo assim, os franceses se aproveitaram do rapto e posterior desaparecimento de uma índia filha do cacique potiguar para eliminar a ameaça, estimulando os indígenas ao combate. Maximiano L. Machado em seu livro “A história da Província da Parahyba”, conta como se deu o ataque:

“Conseguindo chegar ás proximidades daquela propriedade, e serem presentidos, atacaram a noite pelo lado de terra, e correndo todos os combatentes de Diogo Dias para aquelle lado, e quanto estavam mais empenhados na acção, saltaram os do rio e atacaram pela retaguarda. Diogo Dias, que á principio suppoz um desses muitos assaltos á que estava acostumado a rechazar, achou-se em breve envolvido por todos os lados, e então medindo a gravidade da situação chamou os de casa ás armas, e em toda a parte era visto combatendo e animando os defensores de sua pessôa, de sua família e de seus haveres. Os indios atearam fogo nos canaviaes, e o incendio veio dar ao combate um aspecto medonho, mostrando á luz de impectuosas labaredas todo o horror do desespero e da morte. O valor por fim cedeo ao numero, e a victoria se proclamou pelos potyguares no meio de uma algazarra infernal. Seiscentos homens foram mortos da parte de Diogo Dias. Elle, seu irmão duas filhas, um filho, seus cunhados, um genro, tres netos, faziam parte dessa horrorosa carneficina! Levaram os indios tudo quanto conduzir, e o que não poderam levar consumiram: mataram cavallos e bois, incendiaram as casas e reduziram toda a fazenda á um montão de ruinas”. (MACHADO, 1977, p. 44-45).

Informado do acontecimento e temendo pelo desenvolvimento das capitanias de Olinda e Itamaracá, o Rei D. Sebastião ordenou que os índios fosse expelidos e se estabelecesse o povoamento, o Rei também criou naquele momento a Capitania real da Paraíba, desmembrando a de Itamaracá, essas atitudes do Rei, além de tudo, podem ser justificadas pelo seu medo, naquele momento, de que os franceses se fortificassem na região tornando mais difícil o controle da

capitania. Sendo assim, seguiram-se muitos anos de lutas, com os índios sempre levando a melhor, embora houvesse baixa de ambos os lados, até que a conquista definitiva se tornou possível com a adesão dos índios tabajaras a causa portuguesa.

Vencidos os potiguares, os portugueses partiram rumo ao sertão, seguindo o que eles chamaram “operação limpeza de terreno”, lembrando que naquela época toda a região que hoje é denominada de Brejo, Agreste, Sertão e Cariri, eram conhecidas apenas como sertão. Os indígenas encontrados no interior pertenciam a grande nação Tapuia e subdividiam-se em: Cariris e Tarairiús, viviam organizados em suas aldeias de acordo com seus costumes e estágio cultural, ainda no chamado Neolítico, alimentavam-se essencialmente da caça, também utilizavam machados de sílex e praticavam artesanato. Os historiadores baseados em relatos e fontes históricas elogiam a sua habilidade e valentia, destacando também a sua agilidade no combate aos invasores portugueses.

A resistência indígena no interior foi bem organizada, os nativos resistiram por mais de três anos, onde tribos estiveram unidas no que foi chamado de “confederação dos cariris”, ou ainda “levante dos tapuias”, ou “guerra dos bárbaros” como constava nos documentos oficiais da época. No início dos combates os portugueses reuniram pouco mais que 600 homens para enfrentar os indígenas que se mostraram hábeis aos europeus que insistiam no avanço sobre o interior.

Um fato interessante dessa época é que o governo português incentivou os bandeirantes a combaterem os índios violentamente, e nesse contexto destacamos principalmente dois nomes: Teodósio de Oliveira Ledo e Domingos Jorge Velho. Este último em uma única luta degolou 260 cariris, mostrando a sua imensa brutalidade. Teodósio de Oliveira, por sua vez, foi considerado o maior desbravador dos sertões, seus parentes também seguiram seus passos ocupando grandes partes de terras.

Teodósio de Oliveira, foi extremamente importante para a conquista da Paraíba, percorreu grande parte do interior, combatendo e escravizando os índios, destacou-se também pela grande violência com que tratava os índios que resistiam ao cativeiro, chegando até a preocupar o Rei de Portugal, que lhe enviou uma carta advertindo, pedindo que tivesse mais controle nos seus impulsos para chamar menos atenção quanto a violência na conquista do interior. São diversas as opiniões sobre este bandeirante, uns colocam como herói, outros como vilão, uma dualidade que varia conforme o estudioso entretanto é impossível negar a carnificina provocada por este personagem da nossa história.

Dessa maneira o indígena paraibano esteve presente na sociedade colonial, sendo objeto de preconceito, visto sempre como o “outro”, aquele ser desqualificado e violento que precisa ser conquistado. Dessa mesma maneira, eram vistos os outros nativos brasileiros que partilharam do mesmo destino: a “quase” extinção.

